

# FUNDAMENTALISMOS

**Relação entre Religião,  
Política e Direitos Humanos**



**João Inácio Wenzel  
Roberto Rossi  
Teobaldo Witter**



PNV 287

# **Fundamentalismos**

## **Relação entre Religião, Política e Direitos Humanos**

**João Inácio Wenzel  
Roberto Rossi  
Teobaldo Witter**

São Leopoldo/RS



2011

© Centro de Estudos Bíblicos  
Rua João Batista de Freitas, 558  
B. Scharlau – Caixa Postal 1051  
93121-970 – São Leopoldo/RS  
Fone: (51) 3568-2560  
Fax: (51) 3568-1113  
vendas@cebi.org.br  
www.cebi.org.br

Série: A Palavra na Vida – Nº 287 – 2011

Título: Fundamentalismos: Relação entre Religião, Política e  
Direitos Humanos

Autores: João Inácio Wenzel, Roberto Rossi e Teobaldo Witter

Capa: Luís Henrique Alves Pinto

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

ISBN: 978-85-7733-155-0

**TEOBALDO WITTER** é pastor na IECLB, Ouvidor de Polícia, professor de Ética, no IVE-Faculdade de Pedagogia, e assessor do CEBI-MT. Fez mestrado em Teologia pela EST (Escola Superior de Teologia) e é graduado em Pedagogia com especialização em Psicologia da Educação, pela UFMT. Vive em Mato Grosso desde 1976, em Cuiabá desde 1993. Publicou pela editora Prisma: *Ato e Fatos da Vida em Comunidade*, 2000; *Nas Mãos Calorosas*, 2002 e coordenou a publicação *Deus e o Dinheiro*, pelo CEBI, 2010.

**JOÃO INÁCIO WENZEL** é coordenador do Centro Burnier Fé e Justiça (CBFJ), membro da equipe de assessoria do CEBI-MT e professor de exegese no SEDAC. Entrou na companhia de Jesus em 1975, é formado em Filosofia e fez mestrado em Teologia, pela FAJE. Desde 1994, vive em Cuiabá, MT, onde se dedica a diversos trabalhos. Publicou *A Pedagogia de Jesus segundo Marcos*, pela Loyola, 1997, e *O Caminho do Seguimento no Evangelho de Lucas*, pelo CEBI, em 1998.

**ROBERTO ROSSI** é membro do Centro Burnier Fé e Justiça (CBFJ), formado em Filosofia e Teologia, pela FAJE (MG), e Ciências Sociais pela Unisinos (RS). Fez mestrado em Educação pela UFMT-MT. Desde 2001, vive em Cuiabá, MT, onde se dedica a trabalhos de pesquisa e assessoria a movimentos sociais.

## Sumário

Apresentação.....	4
<b>Parte I – Conceito .....</b>	<b>6</b>
Contexto religioso .....	9
Contexto sociopolítico .....	10
Fundamentalismo e a política.....	11
<b>Parte II – O fundamentalismo religioso e a Bíblia .....</b>	<b>13</b>
Fundamentalismo na Bíblia? .....	14
O Deus verdadeiro.....	18
Êxodo: experiência fundamental de todos os povos .....	20
Releitura da história com chave monoteísta.....	25
Ensaio de superação da intolerância religiosa .....	31
Resistências ao monoteísmo judaico exclusivista.....	32
Reconhecer o rosto de Deus nos inimigos, nos estrangeiros, nos pobres, nas mulheres e nos homens que lutam por seus direitos.....	36
<b>Parte III – A cama de Procusto e o fundamentalismo .....</b>	<b>42</b>
A cama de Procusto e os direitos humanos .....	44
A prática do cuidado com a vida sem a cama de Procusto ....	49
Referências.....	51

## Apresentação

Este texto trata do fundamentalismo considerando, prioritariamente, suas possíveis relações com o campo político e os direitos humanos. O que orienta a perspectiva dos autores é a compreensão de que o fundamentalismo não se resume apenas ao campo religioso. Ideias e acontecimentos fundados em concepções fundamentalistas tecem relações com a economia, a política, a cultura e a produção científica. Nesse sentido, dever-se-ia falar em fundamentalismos.

Desse modo, assistimos, hoje, à ditadura do neoliberalismo, da intolerância religiosa, do paradigma científico moderno e do fundamentalismo político. O fundamentalismo econômico neoliberal condena à exclusão social grande parcela da humanidade. O fundamentalismo científico desqualifica outras formas de saber que não sejam domesticadas pelo método científico. O fundamentalismo político difunde, com seu discurso demagógico de defesa do bem, muitas vezes mesclado com o fundamentalismo religioso, ódio e violência.

No campo religioso, o fundamentalismo está vivo e ativo nos dias atuais, caracterizando-se pelo fechamento de cada religião na própria autossuficiência dogmática, afirmando que vale apenas a sua verdade. Desse modo, recusa-se a dialogar com outras crenças religiosas. Segundo Leonardo Boff (2002), o fundamentalismo é caracterizado por uma atitude que confere caráter absoluto as suas concepções acerca da vida e do mundo. Ora, quem se considera dono de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade. Nesse caso, o texto vai encontrar na Sagrada Escritura elementos teológicos que fundamentam esse tipo de postura.

O mito grego de Procusto ilustra atitudes contemporâneas de intolerância e negação das diferenças e diversidades culturais presentes no seio da humanidade. Diz o mito que para as pessoas entrarem na cidade de Atenas tinham que passar por um portão. Este portão era guardado por Procusto. O guardião possuía uma cama de ferro na qual fazia as pessoas se deitarem. Ele insistia em que as pessoas coubessem, com perfeição, na cama. Se a pessoa fosse maior que a cama, cortava suas pernas. Se fosse menor, esticava até atingir o tamanho desejado.

O mito de Procusto é uma metáfora da intolerância. Procusto tinha em mente um padrão ideal de pessoa e acreditava que estava fazendo justiça porque sua cama nada mais fazia do que acabar com as diferenças entre as pessoas. Dessa forma, impunha o sofrimento e a morte àqueles que não se encaixassem em certos pesos e medidas. Apesar de a diversidade caracterizar a humanidade, o ser humano, hoje, continua agindo como Procusto. Com isso, impede que os direitos humanos fundamentais sejam garantidos e pautem a vida em sociedade.

# Parte I

## Conceito

Do ponto de vista experiencial, o fundamentalismo não se resume apenas ao campo religioso. É possível tecer uma interface com a economia, a política, a cultura, a produção científica, entre outros. Nesse sentido, dever-se-ia falar em fundamentalismos e/ou diversificadas experiências fundamentalistas. Já do ponto de vista conceitual, o termo “fundamentalismo” vem sendo empregado em situações diversas, tanto no campo religioso como no campo político, econômico e técnico-científico.

Os fundamentalismos, se assim quisermos mencionar, também não se resumem somente a um período histórico ou a um determinado grupo social. Conforme César Vinicius Alves Ornelas, “para compreender o fundamentalismo, é necessário, portanto, levar em conta a complexidade de significados que o conceito adquiriu em sua trajetória na história, as diferentes significações que a palavra desenvolveu e, principalmente, as diversas aplicações no contexto social, político e religioso atual” (ORNELAS apud SOUZA).

No campo religioso, o conceito tem sido usado para descrever movimentos religiosos tradicionalistas de caráter militante. O fundamentalismo, na compreensão de Marins (MARINS; TREVISAN), expressa o esforço de um determinado grupo social “de voltar ao alicerce básico construído no passado”, voltar àquilo que é fundamental para garantir a manutenção da identidade do grupo, no presente. Nesse sentido, significa “tomar como fundamento de toda a ordem

social, política, científica e religiosa, um livro sagrado”, doutrinas, códigos morais, dogmas, costumes, entendidos como fundamentos seguros, inspirados por Deus. A referência a essas autoridades garante para sua crença o status de “verdade absoluta que não pode ser questionada”.

Os fundamentalismos não são simplesmente um corpo doutrinário ou um conjunto de teorias e princípios a respeito do mundo. Na verdade, o fundamentalismo é uma postura e uma maneira de ver e interpretar o mundo, as doutrinas, as organizações sociopolíticas, a vida, o tempo, a religião, a moral etc. Estabelece e defende a todo custo modos de pensar e entender as coisas a partir de uma visão limitada e restrita. Nesse caso, seu ponto de vista tem um caráter absoluto, inquestionável. Não aceita outras concepções e interpretações acerca das coisas e do mundo. Portanto, qualquer possibilidade para o diálogo torna-se quase impossível (MARINS; TREVISAN, p. 18-19). Esse tipo de postura se desdobra no extremismo intolerante, que se manifesta na incapacidade de escutar o outro e de tolerar a diferença.

No âmbito das igrejas cristãs, o termo foi aplicado pela primeira vez na passagem do século XIX para o século XX, referindo-se a um movimento teológico de origem protestante. Este movimento nasce nos Estados Unidos como reação de pastores protestantes ao modernismo e liberalismo teológico. Seu intuito era a defesa da fé cristã contra a intrusão do liberalismo teológico em suas igrejas (TEIXEIRA, 2002, p. 495-506). Robson da Costa Souza observa que o termo fundamentalismo “designava determinada corrente do protestantismo americano que se opunha a qualquer adaptação moderna e liberal da Igreja invocando os fundamentos bíblicos da fé cristã” (ORNELAS apud SOUZA). Propunham um cristianismo rigoroso e dogmático, baseado numa interpretação literal da Sagrada Escritura.

No campo político e econômico, o fundamentalismo caracteriza-se pela exacerbação do pensamento único, típico de correntes teóricas legitimadoras do capitalismo de mercado e da respectiva ideo-



logia política do neoliberalismo. Nessa perspectiva, o capitalismo de mercado é considerado a única expressão válida para a vida das pessoas e dos países. Ou seja, a vida das pessoas, a organização da sociedade, da economia e da política, devem estar subordinadas às leis e aos interesses do mercado. O discurso ideológico do neoliberalismo, por sua vez, pretende fazer da economia de mercado uma “religião”, com seus dogmas, ritos e sacerdotes. Para legitimar suas ideias, os ideólogos do neoliberalismo lançam mão de um discurso com características de um sistema sagrado, que por ser sagrado exige sacrifício de vidas humanas<sup>1</sup>. Impõe a ideia de que não há alternativa ao sistema de mercado capitalista. Esse tipo de concepção da economia foi classificado por Marx como “religião da vida cotidiana” fundada na fetichização da mercadoria e do capital<sup>2</sup>.

Do ponto de vista político, o fundamentalismo se corporifica através do exercício do poder, que pode ser opressivo, repressivo e preventivo. Os países ricos do norte exercem, secularmente, o fundamentalismo político numa perspectiva opressiva e repressiva. Invadem outros países em defesa de determinados “bens morais” e valores “humanistas”. A partir disso, os povos dominados devem ser vigiados ou combatidos por meio da força porque não são capazes de reconhecer o bem que se lhes está proporcionando. Resulta disso outro tipo de ação e concepção fundamentalista, o terrorismo (MARINS; TREVISAN, p. 27-28). O fundamentalismo terrorista ganha força quando já não é possível o diálogo. Seguem-se o ressentimento e o desejo de vingança que se materializam na “guerra santa” contra os infiéis, geralmente, do Ocidente.

---

1 Para um estudo mais profundo sobre esta temática, consultar os excelentes livros de Mo Sung, “Desejo, Mercado e Religião” e “Deus numa economia sem coração”.

2 Marx, em “O Capital”, nota que a mercadoria produzida no âmbito do capitalismo adquiriria uma valoração de venda irreal e infundada, como se não fosse fruto do trabalho humano nem pudesse ser mensurado, isto é, a mercadoria parecia perder sua relação com o trabalho humano e ganhava vida própria.

No campo técnico-científico, o fundamentalismo consiste na atitude prepotente de qualificar a ciência, seus métodos de pesquisas e, conseqüentemente, suas teorias científicas como verdades inquestionáveis, desqualificando outras formas de saber, e produzir conhecimento como não científico. Hoje, é imprescindível compreender que os saberes, na sua incontestável pluralidade, são construídos pelo diálogo e pela interdisciplinaridade. Não podemos mais reduzir o saber humano a um único método de produção do conhecimento.

Em suma, por detrás de um projeto fundamentalista estão interesses que defendem uma verdade absoluta, em detrimento do respeito e da tolerância à diversidade, à pluralidade e ao diálogo inter-religioso-econômico-político-cultural.

## **Contexto religioso**

Conforme Teixeira (2002), a história religiosa da humanidade é acentuadamente ambígua. De um lado, é possível observar as religiões criando condições favoráveis para a humanização do ser humano e do mundo e, por outro, justificando a violência, a guerra, a opressão e a morte, em nome de Deus. Segundo Moysés Neto, a expansão do islamismo na Europa e nos EUA, o cristianismo fundamentalista do *Tea Party* e o fenômeno do crescimento dos evangélicos no Brasil parecem indicar que a religião ingressa de forma tumultuada no século XXI.

É um fenômeno que acontece com diferentes intensidades, tonalidades e extensão em diferentes igrejas e religiões. O fundamentalismo religioso caracteriza-se pela atitude dogmática incapaz de abrir-se à alteridade e ao diálogo, com forte tendência a impor suas crenças e sua visão de mundo mediante o recurso da violência física ou simbólica. É um fenômeno típico da modernidade. Sua postura e suas ações são expressões de uma reação às influências da globaliza-

ção e do pluralismo religioso e cultural. Tal pluralismo provoca um sentimento de insegurança significativamente ameaçador para a manutenção de certos valores vivenciados por determinados grupos.

Segundo Peter Berger, “o pluralismo cria uma condição de incerteza permanente com respeito ao que se deveria crer e ao modo como se deveria viver. Quando o relativismo alcança certa intensidade, o absolutismo volta a exercitar um grande fascínio” (BERGER, 2001, p. 9-24). Frente ao sentimento de insegurança, reage-se com a afirmação ortodoxa e dogmática, uma moral repressiva e desumana, a imposição de crenças e um sistema religioso rígido, a uniformidade no agir, que podem culminar no fechamento comunitário ou na tentativa de reconquistar a sociedade em nome da tradição religiosa particular. Nesse sentido, não se pode ocultar a referência étnico-religiosa que acompanha parte dos conflitos regionais presentes no cenário mundial.

Em sociedades contemporâneas diversas, os fundamentalismos religiosos buscam espaço nas estruturas políticas, inspirando sobremaneira a governabilidade de nações, ao mesmo tempo em que instigam os povos à luta em nome de Deus. Nesse sentido, impõe-se um etnocentrismo cultural extremamente perigoso.

## Contexto sociopolítico

Baseando-se em Habermas, Moysés Neto observa que o fundamentalismo atual não se confunde com o pré-moderno (tal como a “caça às bruxas” medieval). O fundamentalismo contemporâneo estaria ligado à globalização dos mercados e à lógica produtivista e consumista do capitalismo. Resulta disso, a estratificação devastadora da sociedade mundial, dividida entre *vencedores*, *beneficiários* e *perdedores*. Esse contexto, então, possibilita o crescimento exponencial de fundamentalismos. Nessa perspectiva, Geertz constata que,